

## **RESISTÊNCIAS DAS JUVENTUDES NEGRAS FRENTE À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COTIDIANO ESCOLAR: RELATO SOBRE UMA ESCOLA DE PERIFERIA**

Autor(a): Juliana de Souza Barbosa; Orientador - Diógenes Pinheiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO- PPGEdU) - [Julianasouzabarbosa20@gmail.com](mailto:Julianasouzabarbosa20@gmail.com)

### **Introdução**

Esta pesquisa integra parte da construção/elaboração da dissertação de mestrado em andamento cujo objetivo propõe refletir acerca das trajetórias e resistências das juventudes negras no contexto da educação escolar periférica tendo em vista os atravessamentos das violências simbólicas inerentes à condição juvenil negra e periférica. Desta forma, esta pesquisa debruça-se sobre uma escola no município de São Gonçalo-RJ, cujos estudantes são oriundos de comunidades populares do entorno, analisando a difícil relação da escola com a cultura popular desses jovens, marcada por manifestações artísticas, como o funk, a dança, o grafite, que a cultura escolar não considera legítimas. Interessa explorar esse estranhamento e as estratégias de resistência juvenil no contexto escolar.

Considera-se, de antemão, que a reflexão acerca da categoria juventudes não se restringe apenas a um dos estágios do desenvolvimento humano, ou a uma fase conflituosa de rebeldia e afronta às ordens estabelecidas conforme a vaga ideia social que se tem mas sim constitui-se enquanto categoria de análise de extrema relevância sobretudo do ponto de vista sociológico. Nesse sentido, ABRAMOVAY (2006) e RESENDE (1989) salientam acerca da importância em compreender que é impossível abordar o conceito de juventude no singular uma vez que isto pressupõe um conjunto de processos de diferenciações no que tange as classes sociais, raça, gênero, sexualidade dentre outras facetas do que é ser jovem. Desta forma, embora haja dissenso acerca desta conceituação, aborda-se juventudes no plural no sentido de abarcar todas as vivências possíveis e diversificadas.

Tendo em vista os dados do IBGE (2010) acerca das condições juvenis negras e periféricas, interessa pensar em que medida estes condicionantes sociais e históricas incidem nas trajetórias destas juventudes no cotidiano educacional mas também do ponto de vista do mercado de trabalho; moradia; violência urbana; participação cidadã; acesso à cultural etc. GROppo (2000) explicita que condição juvenil é um conceito que relativiza a dimensão biológica e enfatiza os aspectos

sociais e históricos abarcados pela faixa etária citada, portanto, cabe refletir sobre os aspectos sociais e históricos desta categoria em questão.

As juventudes negras e periféricas vivenciam uma socialização desigual que os condicionam, considerando as estruturas de classe, a um lugar desprestigiado e já preestabelecido reproduzindo as desigualdades sociais conforme abordado e BOURDIEU E PASSEROM (1975). SPOSITO (1994), também afirma que em suas pesquisas os dados mostram a população jovem pobre como a parcela mais rapidamente atingida pela recessão e pela ausência de desenvolvimento social. Sobre às juventudes negras, GONZALÉZ (1979), salienta que

Existem atualmente no Brasil cerca de 16 milhões de adolescentes e jovens totalmente entregues à própria sorte, sem a menor expectativa de vida; ou melhor, sua única perspectiva se constitui no banditismo e na morte. Desnecessário dizer que são negros na sua maioria. (GONZALÉZ. 1979,pág. 2).

A violência simbólica que incidem sobre estas juventudes no espaço escolar é outro fator a ser analisado sobretudo suas formas de ser e estar no mundo bem como suas linguagens culturais em tensões e conflitos com a cultura escolar hegemônica.

Embora os dados do IBEG (2010) apontem para um desenvolvimento social precário em se tratando das juventudes negras e periféricas além de poucas políticas públicas que assegurem os direitos fundamentais mediante tais condições sociais, por outro lado, vê-se emergir uma substancial participação juvenil, principalmente, negra e periférica na reivindicação dos direitos e na luta por injustiças sociais. Esta participação de resistência juvenil é fundamental para que as vozes dos sujeitos marginalizados e subalternos não sejam silenciadas mas sim ecoada em todos os espaços possíveis inclusive na escola.

## **Metodologia**

Este estudo seguiu à princípio uma abordagem metodológica qualitativa através de revisão bibliográfica com uma perspectiva sociológica, ou seja, no âmbito das ciências sociais e humanas. Com efeito, os conceitos teóricos elencados para tal reflexão foram Juventudes (ABRAMOVAY 2007; REZENDE 1989); Violência Simbólica (BOURDIEU) e condição juvenil (GROPPO 2000). Além destes suportes teóricos utilizou as contribuições da autora Lélia GONZALEZ (1979) abordando a questão da juventude negra e os processos de exclusão social e os dados do IBGE (2010). Interessa ouvir desses jovens como percebem o reconhecimento ou não, por parte da cultura

escolar, manifesta pelas atitudes de seus professores, em relação aos valores e práticas culturais que são portadores.

## **Discussões e Resultados**

Destaca-se esta categoria de Jovens, negros e de periferia, por serem estes os que apresentam maior incidência de abandono escolar, reprovação e fracasso escolar, experimentando trajetórias educacionais curtas e acidentadas. Embora as juventudes tenham se tornado pauta das discussões de políticas públicas compreendendo, portanto, as juventudes enquanto sujeitos de direitos, ainda assim torna-se necessário pautar nas agendas públicas e governamentais a situação das juventudes negras haja vista suas condições sociais e históricas que sugerem uma atenção específica, sobretudo ao que se refere à necessidade de reconhecimento cultural, dimensão essencial da identidade do indivíduo.

Os resultados das reflexões apontam para a necessidade de políticas públicas que alcancem e reconheçam as práticas culturais das juventudes, sobretudo, das juventudes negras e periféricas que apresentam condições sociais mais precárias e emergenciais. Tais condições adversas incidem decisivamente nas perspectivas futuras no âmbito da formação educacional, do trabalho/profissão e de melhores condições e qualidades de vida.

É imprescindível ressaltar que atualmente emergem grandes movimentos de resistências das juventudes além de considerável participação política trazendo ares de esperança diante das desigualdades vigentes e vozes que são silenciadas cotidianamente. Não à toa, boa parte deles alcançam visibilidade política por meio de manifestações culturais, mostrando uma trajetória de formação e ativismo juvenil que caminha da cultura para a política. Estudar os grupos culturais de periferia e sua presença/ausência no ambiente escolar tem se mostrado relevante.

## **Conclusões**

Tendo em vista as reflexões levantados acerca das trajetórias das juventudes negras atravessadas pelas violências simbólicas, compreende-se quão abrangente e complexo é discorrer sobre esta categoria haja vista as condições sociais e históricas que perpassam o cotidiano dos mesmos. Em se tratando do contexto escolar, as disparidades também são significativas sobretudo diante dos dados que apontam os índices de abandono escolar, fracasso, reprovação e tantos outros que refletem um quadro de exclusão radical. As violências simbólicas que incidem sobre as

juventudes negras propiciam que haja poucas perspectivas acerca de uma formação educacional bem sucedida e significativa.

Cabe portanto, por meio dos reflexões elencadas, pensar em formulações e implementações de políticas públicas que alcancem estas juventudes no sentido de possibilitar que igualdade de direitos tende em vista que estas juventudes negras são sujeitos de direitos. Não há pretensão de esgotar o assunto e compreendê-lo como algo acabado, tão somente, enriquecer a discussão e contribuir em alguma medida para a compreensão da condição juvenis negras e periféricas seus atravessamentos.

## **Referências**

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. (org.) Juventude, Juventudes, o que Une e o que Separa. Brasília, UNESCO, IBOPE, 2006.

\_\_\_\_\_. Escola e violência. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, v. único.

\_\_\_\_\_. Poder simbólico. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989, v. único.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios – resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

GONZALÉZ, L. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. 1979.

GROPPO, L. A. (2000). Juventude. Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL.

PAIS, M. J. Culturas Juvenis. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

REZENDE, C. B. Identidade: O que é ser jovem? Revista Tempo e Presença, n.240, CEDI, 1989.

SPOSITO, Marília Pontes, (1984). O povo vai à escola. São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_(1994). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 5, nº 1 e 2.